

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

A ROUPA NOVA DO REI

Arthur Rackham

Há muito tempo viveu um imperador que gostava tanto, mas tanto, de se vestir bem que todo o dinheiro dele ia embora com roupa nova. Ele não queria saber de discutir problemas de soldados nem de ir ao teatro nem de passeios pela floresta. Só se fosse para mostrar alguma roupa nova. Ele tinha uma túnica para cada hora do dia e em vez de dizer "o rei está em reunião" as pessoas viviam dizendo "o rei está no quarto de vestir".

Na grande cidade onde ele morava havia muitas coisas interessantes acontecendo e todo dia chegava visita importante. Um dia apareceram dois vigaristas. Os dois espalharam pela cidade que eram tecelões e que sabiam fabricar os tecidos mais lindos do mundo. Tecidos com cores e estampados maravilhosos. E com um detalhe: as roupas feitas com os tecidos que eles fabricavam eram invisíveis para as pessoas que não soubessem trabalhar direito ou que fossem muito burras.

"Essas roupas, pelo jeito, são o máximo", pensou o imperador. "Se eu usasse essas roupas ia poder descobrir quem não trabalha direito no meu reino e saber quem é burro e quem é inteligente. É, vou mandar tecer o tal pano imediatamente." E deu um montão de dinheiro aos dois vigaristas para que eles fossem começando o trabalho.

Os dois vigaristas armaram seus teares e fingiram que estavam trabalhando. Nos teares não tinha nem um fiapo. Nada. Eles passavam o tempo todo mandando buscar a seda mais luxuosa e o fio de ouro mais deslumbrante, só que guardavam tudo em suas bolsas e ficavam até tarde da noite trabalhando nos teares vazios.

"Ah! Como eu queria saber de que jeito está ficando o famoso tecido", pensava o imperador. E ao mesmo tempo seu coração batia depressa com a ideia de que os burros, os incompetentes no trabalho não iam conseguir ver o tecido de sua roupa. Tinha certeza de que não precisava ficar preocupado, que era muito inteligente e trabalhava muito bem, mas mesmo assim achou melhor não ir pessoalmente e mandar outro em seu lugar dar uma espiada no serviço. Todos na cidade estavam sabendo do poder maravilhoso do tecido e estavam com vontade de ver as outras pessoas no papel de burras ou incompetentes.

"Vou mandar meu velho ministro que é tão direito ao ateliê dos tecelões", pensou o imperador. "Ele é a pessoa mais indicada para ver como é esse pano, pois é inteligente e ninguém faz seu trabalho melhor que ele."

Assim, o velho ministro de quem o imperador gostava tanto foi até a sala onde os dois tecelões estavam sentados trabalhando na frente dos teares vazios. "Oh, meu Deus!", pensou ele, arregalando os olhos. "Não consigo ver nada!" Mas não abriu a boca.

Os dois tecelões convidaram o ministro a chegar mais perto e quiseram saber se ele não achava que o estampado estava lindo e as cores um encanto e apontaram para o tear vazio. O pobre velho ministro arregalou ainda mais os olhos mas não conseguiu ver coisa alguma pois não havia nada para ver. "Puxa vida!", pensou. "Será que sou burro? Nunca achei que era burro. Preciso dar um jeito para ninguém descobrir. Será que não faço meu trabalho direito? Não, não posso dizer a ninguém que não consigo ver o pano."

— E então? O senhor não vai dizer nada? — disse um dos tecelões.

— Ah, que coisa linda, divina! Uma absoluta maravilha! — disse o velho ministro, olhando atentamente através das lentes de seus óculos. — Que estampado! Que cores! É, não há dúvida, vou dizer ao imperador que o tecido tem minha total aprovação.

— Que bom! Que bom! — disseram os dois tecelões, que em seguida descreveram as cores e o estampado fantástico do pano. O velho ministro ouviu com muita atenção para depois repetir tudo para o imperador — e foi o que fez.

Os tecelões a todo momento pediam mais dinheiro, mais seda e mais fio de ouro. Diziam que era para poder continuar seu trabalho. Mas nem um fiozinho recebido ia parar no tear, pois os dois iam guardando tudo e continuavam trabalhando no tear vazio.

Algum tempo depois o imperador mandou outro oficial de confiança ver como iam progredindo os trabalhos e indagar se ia demorar muito para o pano ficar pronto. E aconteceu direitinho como da outra vez. O oficial olhou, olhou e olhou, mas como a única coisa que havia diante dele eram os teares vazios, não conseguiu ver nada.

— Não é belíssimo o nosso tecido? — perguntou um dos dois tecelões, apontando o tear vazio e descrevendo para o oficial o maravilhoso estampado que não existia.

"Não sou burro", pensou o homem. "Vai ver que não sirvo para meu trabalho. É melhor ninguém ficar sabendo." E desandou a elogiar o pano que não conseguia ver, garantindo aos tecelões que estava encantado com as lindas cores e o desenho delicado.

— Incrivelmente lindo — disse ao imperador um pouco mais tarde.

Todos na cidade só falavam daquele tecido esplêndido.

Até que um dia o imperador resolveu ir pessoalmente dar uma olhada no tecido ainda no tear. Acompanhado por um grupo de homens escolhidos, inclusive os dois solenes velhos oficiais que já tinham ido antes, foi visitar os espertos tecelões, que estavam trabalhando a todo o vapor, só que sem dar pontos, pois não havia fio.

— Lindo, não? — disseram os dois oficiais, muito empertigados. — Dê uma olhada, Vossa Majestade! Que estampa! Que cores! E apontavam o tear vazio, convencidos de que os outros estavam vendo o tecido.

"Que droga é essa?", pensou o imperador. "Não estou vendo nada! Isso é terrível! Sou burro? Não sirvo para imperador? Mas isso seria a coisa mais pavorosa que poderia acontecer comigo!"

Depois disse:

— Ah! Que lindo! Os senhores têm minha imperial aprovação! — E balançava a cabeça satisfeito, olhando o tear vazio. Imagine se ele ia dizer que não estava vendo nada!

Os nobres que acompanhavam o imperador fizeram muita força, mas, exatamente como os outros, não conseguiram ver nada; mesmo assim, exatamente como o imperador, disseram:

— Ah! Que lindo! — E deram a ideia ao imperador de inaugurar aquelas roupas esplêndidas no grande desfile do dia seguinte. — É lindo, magnífico, sensacional.

A notícia correu pela cidade e todo mundo ficou encantado. O imperador deu uma medalha a cada um dos tecelões, juntamente com o título de "Tecelão pela Graça de Sua Majestade".

Iluminados por mais de dezesseis velas, os tecelões viraram a noite trabalhando. Todo mundo podia ver como eles estavam se esforçando para acabar a roupa nova do imperador. Num certo momento eles fingiram que estavam tirando o pano do tear; depois fizeram de conta que estavam cortando alguma coisa no ar com seus tesourões; costuraram com agulhas sem fio; e finalmente disseram:

— Pronto. Acabamos.

No dia seguinte o imperador, acompanhado pelas pessoas mais importantes de sua corte, foi à sala do tear. Cada um dos tecelões levantou um braço, como se estivesse segurando alguma coisa, e disse:

— Pronto! Aqui está a calça. Aqui está a casaca. Aqui está a túnica. — E assim por diante. — Leves como gaze. Vossa Majestade vai ter a impressão de que não tem nada sobre o corpo, mas aí é que está a beleza da coisa!

— É! — disseram os cortesãos, sem conseguir ver nada. Lógico! Não havia nada para ver!

— Será que Vossa Alteza Imperial poderia ter a bondade de tirar a roupa? — disseram os tecelões. — Para que a gente possa ajudar Vossa Alteza a vestir as novas aqui na frente do espelho!

O imperador tirou a roupa toda e os tecelões fazendo a maior cena: fingiam que estavam entregando a ele uma por uma as peças de roupa que todos achavam que eles tinham feito e o imperador se virava e se contorcia na frente do espelho.

— Incrível! Como estão bem-feitas! Que corte esplêndido! — diziam todos. — Que modelo! Que cores! É verdade, que traje maravilhosos!

Finalmente o principal mestre de cerimônias anunciou:

— O dossel para proteção de Sua Majestade está a postos aí fora.

— Bem, claro, estou pronto! — disse o imperador. — Estou bonito? — E deu outra voltinha na frente do espelho, pois queria que todos vissem que estava se olhando atentamente na sua roupa nova.

Os valetes a serviço do imperador roçaram as mãos pelo chão como se estivessem recolhendo a borda do manto. Depois foram andando com as mãos erguidas, pois não queriam de jeito nenhum que os outros percebessem que não estavam conseguindo ver nada.

O imperador desfilava debaixo do lindo dossel, e nas ruas e janelas todos diziam:

— Vejam! Que beleza a roupa nova do imperador! Que cauda mais bonita tem sua túnica! Que caimento!

Ninguém via nada, mas ninguém queria que os outros percebessem. Claro! Só não viam os muito burros ou os que não faziam seus trabalhos direito. Nunca uma roupa do imperador fez tanto sucesso quanto aquela.

— Mas ele está sem roupa nenhuma! — disse uma criança pequena.

— Nossa! Ouçam o que disse esta inocente! — disse o pai da criança.

E as pessoas começaram a repetir umas para as outras as palavras da criança até que o povo inteiro começou a gritar:

— Mas ele está sem nada!

O imperador sentiu o sangue gelar, pois percebeu que todo mundo tinha razão, mas pensou consigo: "Agora preciso continuar até o fim do desfile".

E os valetes iam andando atrás, carregando uma cauda que simplesmente não existia.

FIM